

## Formação de professores e educação musical: a construção de dois projetos colaborativos

Cláudia Ribeiro Bellochio

Esse artigo apresenta alguns dados de trabalhos de pesquisa e extensão do FAPEM1 realizados junto ao Laboratório de Educação Musical – LEM/CE-UFSM. Consideram-se os pressupostos metodológicos e epistemológicos da investigação-ação educacional como basilares a proposta. As questões guias que têm direcionado as ações em desenvolvimento são: É possível realizar um trabalho de formação acadêmica compartilhando formações músico-pedagógicas entre os cursos de Licenciatura em Música e Pedagogia? E entre professores da escola e acadêmicos da universidade? Que contribuições decorrem dessas ações para os processos de formação e práticas educativas de professores? Particularmente, nesse texto, focalizam-se dois trabalhos: Um primeiro discorre sobre problematizações acerca da prática educativa, desenvolvidas conjuntamente por professores da escola e por acadêmicos da UFSM. Um segundo, comenta a realização de projetos compartilhados, na formação inicial, entre alunos do Curso de Licenciatura em Música e alunos do curso de Pedagogia. O texto está organizado em três partes. Inicialmente, realiza-se um breve comentário sobre a concepção da investigação-ação educacional. A seguir, comenta-se a realização de trabalho entre professores da escola e acadêmicos e, para finalizar, discorre-se sobre um Programa de pesquisa e extensão que envolve acadêmicos dos Cursos de Pedagogia e Licenciatura em Música.

Palavras-chave: educação musical, formação de professores, colaborativos.

### A investigação-ação na realização de trabalhos colaborativos

Cada vez mais, vivemos num mundo marcado pela proliferação de comportamentos individualizados. Paradoxalmente, no campo da educação vão sendo demarcadas necessidades de trabalhos colaborativos, em equipe, em rede, trabalhos solidários. O diálogo, é cada vez mais exigido no compartilhar de idéias, seja nos processos de formação profissional, seja nos processos de práticas educativas e dessas entre si. Considerar o diálogo implica na instauração de posturas que visam envolver muitos pontos de vista na construção e re-construção de processos educacionais, sejam escolares ou não-escolares. Trata-se da necessidade de ampliar e trazer, também, para foco de estudo, as subjetividades que vão sendo construídas no dia-a-dia da profissão docente.

Carr; Kemmis (1988) salientam que existem dois focos essenciais para a investigação-ação: “melhorar” e “envolver”. No campo educacional, mostra-se como uma concepção de prática política que visa transformar, possibilitando aos professores problematizarem, compreenderem e melhorarem suas ações educativas num processo acoplado com reflexões permanentes, postura de pesquisa sobre a prática educativa. É um movimento espiralado que implica reflexões conjuntas e auto-reflexões permanentes sobre o que está ocorrendo no curso do trabalho educativo. Melhorar e envolver são indicadores essenciais, tanto para a compreensão das estruturas educacionais, como para o impulsionar das transformações desejadas, considerando-se, inevitavelmente, a realização de trabalhos em colaboração.

Elliott (1978), ao expor suas idéias em relação ao potencial da investigação-ação nas escolas, adverte justamente que é uma possibilidade de o professor refletir sobre o seu próprio trabalho com a finalidade de transformá-lo. Na investigação-ação educacional nas escolas, se “investigam as ações humanas e situações sociais que são experimentados pelos professores como (a) inaceitáveis em alguns aspectos (situações problemáticas); (b) suscetíveis de mudança; (c) requerendo uma resposta prática.” (ibid., 1978, p. 356) Dessa forma, a participação prática, efetiva e comprometida dos professores, e das pessoas que estão no campo educacional, é de fundamental relevância no processo de reconstrução das práticas educativas.

Nessa linha, a investigação-ação vem a contribuir como ação real, problematizadora de realizações concretas entre pessoas que estão envolvidas por uma temática educacional, no caso, com educação musical na sala de aula. Como anunciado anteriormente, a relação entre os sujeitos vai sendo construída e mediada pelo diálogo crítico. Diálogo esse que reconhece o conflito decorrente das diferenças, residindo aí um ponto de relevância para quem investiga em ação e

trabalha em conjunto. Como expressa Freire (1998, p. 152) "É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que eu faço e o que eu digo, que me encontro com eles ou com elas". Desta forma, é importante reconhecer que o trabalho colaborativo não é desprovido de conflitos. Pelo contrário, eles precisam ir sendo discutidos na perspectiva de construção de um projeto comum do grupo.

A investigação-ação educacional se desenvolve nos interesses do trabalho do professor em ação, próximo das reflexões do que hoje nomeia-se como 'epistemologia da prática'. Envolve "o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas" (Tardif, 2002, p. 255). Muda-se a concepção da prática em relação à teoria e vice-versa, num processo em que ambas são revistas à luz do trabalho educativo em realização, concreto e localizado. Não existe, portanto, a concepção de uma teoria que conduzirá e resolverá os problemas reais da prática e nem de uma prática que poderá existir sem teorias que a sustentem. Existem teorias que possibilitam construir e compreender criticamente a prática e práticas que possibilitam ler criticamente as teorias. Nesse sentido, entende-se a importância da realização de projetos conjuntos e colaborativos entre escola e universidade, entre alunos de um curso e de outro, como falarei adiante. Os saberes músico-pedagógicos de um e de outro tornam-se vitais para a concretização do que se propõe a realizar.

Percebe-se, então, a importância de não apenas se 'olhar' para os processos de ensino, mas principalmente construir junto, problematizar, em colaboração crítica e reflexiva (ver Bellochio, 2000). Diante das situações reais, no caso desse trabalho, representadas por situações vividas em educação musical, é preciso problematizar, ou seja, questionar o que está sendo trabalhado a partir do conteúdo em si (dimensão cognitiva), a forma como se está trabalhando (dimensão prática) e os valores que estão subjacentes a essas percepções e realizações (dimensão ética) (ver Sacristán, 1999). Problematizar as práticas docentes pressupõe refletir, conjuntamente e individualmente, sobre as dimensões anunciadas em suas diversas formas de existir, considerando a complexidade, a singularidade e as incertezas que são características das ciências humanas e, então da educação.

Problematizar as práticas docentes: uma vivência colaborativa entre a escola e a universidade

Com base no exposto, temos realizado alguns projetos que buscam, a partir da integração colaborativa, envolver sujeitos atuantes com a educação escolar, professores de diferentes níveis de formação e atuação profissional. Tencionamos, conjuntamente, melhorar seus processos de formação continuada e suas práticas educativas, conjuntas e individuais, sobretudo com relação aos aspectos que envolvem a educação musical na escola.

A realização de trabalhos colaborativos, entre escola e universidade, têm ocorrido através da implementação de projetos que visam o trabalho conjunto entre professores já atuantes e professores em formação inicial, entre saberes acadêmicos e saberes experienciais da vivência escolar. Constituímos grupos de professores em formação inicial (pares de acadêmicos da Licenciatura em Música e Pedagogia) que, na escola, interagem no espaço da sala de aula, fazendo atividades musicais com alunos de 1ª a 4ª séries. Essas atividades são conjuntas com os professores já atuantes. Todos trabalham do planejamento à implementação reflexiva, problematizadora e replanejamento de práticas musicais na escola. O trabalho sustenta-se através de ações práticas e teóricas. As teorias fundamentam-se em textos de educação musical acoplados com outras leituras que decorram das necessidades das práticas em desenvolvimento. As práticas vivenciadas em educação musical, de natureza sobretudo vocal, são registradas em diários de campo que balizam tópicos para as discussões semanais, diálogos entre os grupos envolvidos. Esses momentos constituem-se em importantes condutores críticos do trabalho em realização. O trabalho é mediado por relações dialógicas críticas, carregadas de conflitos e de pontos de vista diversificados, devido à história de vida, pessoal e profissional, dos próprios sujeitos dos grupos.

De modo geral, a preocupação é não estabelecer dicotomias entre a formação teórica que subsidia o desenvolvimento profissional dos participantes, tomados como investigadores ativo-críticos (Carr; Kemmis, 1988) e o trabalho como prática concreta no espaço educativo, no caso, a prática musical na escola.

A investigação-ação, que requer a participação de grupos, integrando participantes e observações no processo de indagação e diálogo, é, para Elliot, um instrumento privilegiado de desenvolvimento profissional dos docentes ao necessitar um processo de reflexão cooperativa mais do que provada; ao focar a análise conjunta de meios e fins na prática; ao se propor a transformação da realidade da escola e da aula e mediante a compreensão prévia e a participação dos professores/as no planejamento, no desenvolvimento e na avaliação das estratégias de mudança (...) enfim, um clima de aprendizagem profissional baseado na compreensão da prática na aula e orientado para facilitar a compreensão e transformação da própria prática. (Pérez Gómez, 2000, p. 379)

Nos trabalhos desenvolvidos entre a universidade e a escola, a problematização das práticas docentes em desenvolvimento tem potencializado o diálogo sobre e para a educação musical, visando melhorar o processo de ensinar e aprender nesse campo.

As questões problematizadoras que acompanham a construção do projeto são geradas no fluxo das práticas em desenvolvimento e sustentam os processos auto-reflexivos e de reflexões coletivas sobre determinados pontos que, não raras vezes, transcendem questões intrínsecas da educação musical, como veremos adiante. Com essa dinâmica, possibilidades de trabalho são alavancadas de modo mais crítico e real, estabelecendo relações mais diretas entre teoria e prática educativas. "Passamos a compreender que não existe um modelo único, uma forma absolutizada de realizar a educação musical na escola". (Bellochio, 2003, p.58,59) Por outro lado, tem ficado clara a posição da educação musical na escola, no caso, em escola municipal na qual trabalhamos há três anos.

Assim, os pressupostos da investigação-ação educacional têm possibilitado um trabalho de caráter mais integrado que contribui para transformar tanto as situações em que ocorre como também os envolvidos no processo de trabalho.

Um dos pontos que mais nos chama a atenção quando iniciamos um projeto na escola são as relações entre os professores já atuantes e os professores em formação inicial. Esse distanciamento, embora transcenda, numa primeira análise, à questão intrínseca da educação musical, tem sido sempre o primeiro ponto sobre o qual debruçamos esforços para a realização de trabalhos compartilhados. Por outro lado, considerando a pouca ênfase que tem sido dada à educação musical sistematizada na escola e a falta de conhecimentos mais aprofundado sobre a área no cotidiano escolar, é fundamental que os trabalhos realizados em seu interior, sejam em colaboração com aqueles que efetivamente exercem sua profissão nesse espaço educativo. Não basta mais uma posição assistencialista que apenas faz na escola mas não contribui para a transformação das posturas educacionais dos sujeitos que a constroem. Buscando superar esse tipo de atitude de inserção no campo escolar temos discutido a partir de questões problematizadoras. Por exemplo:

Como está o trabalho colaborativo entre professoras regentes da escola e acadêmicos da universidade?

Acho que é muito legal a gente trabalhar em colaboração. Mas não é fácil. Temos que ver coisas que não concordamos e não podemos falar. Às vezes não sei o que faço. (Professora Ana).

Percebe-se o quanto as professoras da escola possuem saberes de natureza experiencial que sustentam suas compreensões sobre os processos de ensinar e de aprender, saberes esses, grande parte das vezes, diferentes dos acadêmicos da universidade que estão em formação inicial. No entanto, esses saberes experienciais não são valorizados pelos próprios docentes, do ponto de vista científico, apenas de modo operacional. Muitas vezes, as professoras agem como se quisessem proteger os acadêmicos. No caso particular desse trabalho, centrado em desenvolver aulas de música compartilhadamente, tudo o que ocorre, no espaço da escola e entre o grupo, é importante para ser debatido, com suas contradições e divergências. Afinal, a aula de música não está descolada dos processos gerais que sustentam as práticas educativas e o dia-a-dia escolar e não poderá ser entendida se não puder ser analisada no conjunto das dinâmicas que esse espaço e sua organização político-pedagógica.

Outro ponto que temos debatido é o desafio da realização de planejamentos colaborativos. Na escola, ainda que os Projetos Políticos Pedagógicos apresentem visões construtivistas e necessidade do estabelecimento de trabalhos conjuntos, existe uma preocupação velada e constante com o 'cumprir conteúdos', terminar a lista de conteúdos disciplinares prevista. Então,

sentar para planejar aulas de música, colaborativamente, não é um ponto de interesse que gere maior preocupação pelos professores. Para eles a música se constitui pelo fazer e não é preciso planejar, apenas aprender, mais ou menos, uma 'musiquinha' que possa ser ensinada em alguma data especial. A escola, em geral, considera 'outras áreas' como campos de saberes prioritários e que necessitam ser mais debatidos. O argumento para 'não perder tempo' com 'outras coisas', no caso com educação musical, é que os demais conteúdos seriam prejudicados. Música na sala de aula passa ser vista como tempo para deleite, para combater a exaustão de outras atividades mais duras.

Em nosso trabalho, o que percebemos é que qualquer 'falha' na aula de música é motivo para questionar a validade do processo musical no desenvolvimento das crianças. Marcadamente, ao longo dos trabalhos, ainda que se tenha motivação para estudar e trabalhar com educação musical, avanços e recuos acontecem com relação às possibilidades e limites de realização dessa área no contexto da escola. Por vezes, as professoras apostam na educação musical como conhecimento de importância a ser trabalhado, por vezes, negam toda e qualquer possibilidade de estarmos realizando um trabalho sério. Entendemos com isso, que é preciso investir muito na formação continuada desses profissionais que já atuam na escola e que não tiveram a oportunidade de ter aulas de música quando realizaram sua formação na educação básica e, em alguns casos, no ensino superior. É preciso romper com as mesmas instituições e pouco refletidas do ponto de vista de seus porquês. Como ilustra a problematização:

O que estamos esperando com a aula de música na escola? Como estamos percebendo o desenvolvimento de nossos alunos?

No começo eu achei que ia ser bem diferente. Achei que as crianças iam ter aulas de canto. Aprender a cantar aquelas musiquinhas que a gente conhece mas não sabe cantar. Então as gurias poderiam ensinar. Agora, confesso que sinto-me meio perdida. Vejo que não é bem assim (...) Vejo muita bagunça! (Professora Raquel).

Olha! Eu nunca havia entrado numa sala de aula. Isso já é um desafio. Trabalhar com música (...) Ainda bem que eu tenho a Paulina comigo. Me dá mais segurança. Sinto que a cada dia as crianças se envolvem mais com o trabalho e quando nos encontramos logo perguntam: - Prof., hoje tem aula de Música? (Aluna Carla).

Está sendo muito bom poder organizar planejamentos conjuntos. Conversar com a professora sobre o que os alunos estão aprendendo nos outros dias (...) é uma experiência muito válida. Aquilo que a gente aprende na universidade agora pode estar vindo na prática. Eu tenho dificuldades de organizar como fica melhor dar a aula de música, mas aos poucos vou me conhecendo melhor como professora e também conhecendo melhor meus alunos. (Aluna Olívia)

Com essas falas, percebe-se que a professora Raquel possuía uma representação sobre o que seria a aula de música, salientando que cantar, reproduzindo canções do repertório infantil, fosse o eixo do trabalho de educação musical na escola. A aluna da Pedagogia, posicionou-se discutindo o enfrentamento do trabalho na sala de aula. Para ela, existia a dificuldade de trabalhar com conteúdos da educação musical e realizar a tarefa no espaço prático do professor, a sala de aula. Já Olívia, demonstrava a possibilidade de estar na sala de aula, como algo positivo no contexto da formação profissional na Licenciatura em Música. Para os acadêmicos o trabalho musical deveria possibilitar o desenvolvimento de experiências musicais diversas, já para as professoras a expectativa era de que os alunos cantassem melhor. Em reunião realizada na escola uma expectativa das professoras era: "Que os alunos não façam feio nas apresentações musicais. Que saibam se portar e gostar de música, não só dessas coisas que eles ouvem no rádio". (Professoras já atuantes)

Com base no exposto, respeitando os limites de atuação do grupo de trabalho instituído, vamos, gradativamente, estudando e implementando atividades musicais nas salas de aula, de tal forma que se retro-alimentam referências teóricas e práticas. Nesse encaminhamento, vimos construindo um trabalho "para a educação musical" e não somente "sobre a educação musical" na escola. Acreditamos que é fundamental investir na formação continuada a partir do trabalho colaborativo entre pares em formação inicial e em atuação profissional, sujeitos que não possuem experiência direta no espaço da sala de aula e sujeitos que têm saberes experienciais já constituídos. Trabalhos dessa natureza mostram-se significativos na medida em que, conjuntamente, podemos ir entendendo a real significação da educação musical no contexto da

escola.

### Formação inicial: uma experiência compartilhada na Universidade

Um segundo projeto que é desenvolvido insere-se na formação inicial de alunos da Pedagogia e Licenciatura em Música. Partimos da concepção de que uma universidade caracteriza-se por ser uma instituição que abriga uma multiplicidade de áreas, enfoques e posturas. É um espaço privilegiado para a produção de conhecimentos por meio de atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. Contudo, mesmo diante da riqueza que essa instituição representa, continuamos, na maioria das vezes, a conviver isoladamente nos próprios departamentos e cursos, isolando e não compartilhando saberes e fazeres na formação profissional.

Desde 1995 temos desenvolvidos alguns trabalhos que visam a integração entre professores especialistas e professores unidocentes em formação inicial. Um exemplo recente é a execução de um Programa de Pesquisa e Extensão no Laboratório de Educação Musical do Centro de Educação.

#### Programa LEM4: tocar e cantar

O "Programa LEM: tocar e cantar" é um Programa de Pesquisa e Extensão que integra projetos do Laboratório de Educação Musical do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, está vinculado ao PROLICEN5 e iniciou em 2003. As proposições centralizam-se em trabalhos conjuntos entre futuros professores unidocentes e futuros professores especialistas em educação musical. As questões geradoras que sustentam as ações em desenvolvimento se expressam da seguinte forma: É possível estabelecer uma relação de reciprocidade entre o curso de Pedagogia e o curso de Licenciatura em Música no processo de formação inicial de professores? Como objetivos, o programa propõe: a) ampliar trabalhos "de", "para" e "sobre" a educação musical na formação inicial de professores; b) possibilitar ações integradas entre professores e acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Música e Pedagogia; c) proporcionar o desenvolvimento musical para alunos do curso de Pedagogia e pedagógico-musical a alunos do curso de Licenciatura em Música; d) suscitar o debate sobre a relação entre cursos na academia, visando a qualificação da formação profissional do futuro professor.

A realização dos trabalhos<sup>6</sup> ocorrem em atividades semanais de ensino de flauta doce<sup>7</sup>, percussão, canto coral e violão. Participam alunos e professores do curso de Licenciatura em Música, que organizam e desenvolvem trabalhos para os alunos do curso de Pedagogia<sup>8</sup> nas diferentes modalidades anunciadas anteriormente. Em alguns momentos, são realizadas apresentações musicais. O trabalho é implementado conjuntamente e segue os princípios da investigação-ação educacional. Quinzenalmente a equipe se reúne para discutir o que está sendo desenvolvido e as formas de melhorar os modos de trabalho. Semanalmente, os alunos monitores são orientados pelos coordenadores dos subprojetos, discutindo questões específicas do aprendizado e ensino de cada instrumento musical.

Ao longo da realização desse trabalho, temos percebido que a relação entre os cursos tem possibilitado o diálogo entre professores em formação inicial para a unidocência e professores em formação inicial para a especificidade da educação musical, oportunidade de conhecer, mais de perto, a natureza do trabalho de ambos. Da mesma forma, o diálogo entre os professores orientadores do trabalho tem suscitado o debate sobre as possibilidades e formas potenciais de aprendizado de pessoas que não possuem conhecimentos musicais formais e as relações desses com a música e com os professores licenciados na área. Certamente que esse movimento implica em discussões internas nas práticas formadoras dos professores orientadores. Esse movimento de aproximação entende-se necessário também às práticas profissionais futuras, quando ambos deverão encontrar-se em espaços educativos, realizando seu exercício profissional.

Os trabalhos compartilhados, entre diferentes cursos, têm sido potencializadores da formação inicial desses profissionais no âmbito de UFSM. Da mesma forma, a antecipação dos acadêmicos, de formação inicial, em situações concretas que os desafiem à elaboração pedagógica e realizações musicais tem sido destacada como ação fundamental para uma aproximação maior entre a formação e os desafios do exercício profissional. Percebemos assim que além do espaço curricular que organiza as práticas de ensino no curso de formação profissional, faz-se necessária a busca de alternativas que possam ampliar o espaço interno das disciplinas e, por conseguinte, ampliar os processos de formação musical e pedagógico-musical do futuro

profissional do ensino, sejam esses especialistas em educação musical ou professores unidocentes.

#### Algumas considerações finais:

Com a implantação de projetos colaborativos não se pretende resolver os problemas da formação e de práticas educativas em educação musical. Tomar o problema apenas sob esse viés acarretaria no estabelecimento de soluções simplificadas. No dizer de Freire (1987, p. 48), devemos "estar atentos para o fato de que a transformação não é só uma questão de método e de técnicas (...) A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade". Não se pode entender que a realização de projetos compartilhados seja tomada como a solução para a situação complexa que envolve as relações dos sujeitos com a sua formação profissional inicial e dos professores com seu exercício profissional. Chama-se a atenção para o fato de que não podemos desconsiderar os aportes teóricos que são fundamentais para a construção profissional dos homens, sem os quais, cairíamos em senso-comum. Vale lembrar Sacristán ao expor que "tão pouco estamos seguros de que a teoria válida seja a que se gera nos processos de discussão ou de pesquisa-ação entre os que estão na prática" (ibid, 1999, p. 28).

Retomando pontos das questões levantadas, a problematização das práticas educativas levadas a cabo, entre professores já atuantes e professores em formação inicial, entre licenciandos da Música e da Pedagogia, constituem-se importantes possibilidades para a reflexão sobre e para a educação musical. Com isso, é possível realizar um trabalho de formação acadêmica compartilhando formações músico-pedagógicas entre os cursos de Licenciatura em Música e Pedagogia e desses com a escola e outros espaços educativos. A aproximação tem mostrado bons resultados, sobretudo com relação à leitura conjunta da educação musical em ação.

No entanto, não é simples realizar trabalhos em colaboração. Requer 'humildade e tolerância' (Freire, 1998), o que nos dias de hoje, parece que não tem sido caracterizado como tônica nas relações profissionais. No entanto, como modificar alguma coisa se a proposição não passar pelo esclarecimento e engajamento ativo-crítico de profissionais da e na escola, da e na universidade?

Com a realização desse trabalho tem-se percebido que, além da relação entre professores já atuantes e professores em formação inicial, devem ser empreendidos esforços para a realização de trabalhos compartilhados por professores dos anos iniciais de escolarização (não especialistas em música) e professores especialistas. A discussão entre os pares da educação deve e pode começar no próprio decorrer da formação inicial, contribuindo com processos mais socializados na construção profissional e nas práticas educativas decorrentes.

Nessa linha, a problematização das práticas educativas de modo ativo e crítico, sinaliza possibilidades de realização de trabalhos colaborativos para a educação musical, contribuindo no processo de formação de professores, inicial e continuada, e para a ampliação das relações entre cursos de universidade e desta com a escola. Se não trabalharmos, no sentido de problematizar as concepções e o que efetivamente ocorre no cotidiano das relações já estabelecidas, parece-me que ficaremos com gritos sem ecos, de um lado a academia e de outro a escola.

---

#### Referências Bibliográficas

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Problematizando as práticas docentes na pesquisa colaborativa em educação musical. Cuadernos Interamericanos de Investigación en Educación Musical, México, v. 2, n. 5, p. 55-64, 2003.

\_\_\_\_\_. A educação musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2000.

CARR, Wilfred; KEMMIS, Stephen. Teoría crítica de la enseñanza: la investigación en la formación del profesorado. Barcelona: Martínez Roca, 1988.

ELLIOT, John. What is action-research in schools? Journal of Curriculum Studies, Basingstoke, v. 10, n. 4, p. 355-357, 1978.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

GÓMEZ, A. I. Pérez. A função e formação do professor/a no ensino para a compreensão:

diferenças perspectivas. In: SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ; A I. Pérez. Compreender e transformar o ensino. 4ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno, Poderes Instáveis em educação. Porto Alegre: Artmed editora, 1999.

## Notas

1 FAPEM: CNPQ research group: Musical Education: formation, action and training teaching

2 Outras questões semelhantes a essas estão discutidas em Bellochio (2000; 2003)

3 Essa mesma constatação já havia sido detectada em outra escola, por ocasião da realização da pesquisa de tese, BELLOCHIO (2000).

4 LEM – Laboratório de Educação Musical – Centro de Educação/UFSM.

5 Programa de Licenciaturas.

6 Os subprojetos do programa possuem orientações de docentes das área envolvidas. Flauta: Prof. Dr. Guilherme Sampaio Garbosa; Violão: Prof. Ms. Marcos Kroning Corrêa; Percussão: Prof. Eduardo Guedes Pacheco; Grupo Vocal: Profª Drª Cláudia Ribeiro Bellochio.

7 Um grupo de flautas doce iniciou em 2002, sendo que em 2003, existem dois grupos: um para já iniciados e um para iniciantes.

8 Em alguns casos, como nas atividades de violão e canto coral, participam outros sujeitos, pertencente a comunidade do Centro de Educação.